

# Construção e Validação da Escala para Avaliação das Situações de *Bullying* nas Praxes do Ensino Superior

▸ Saul Neves de Jesus\*

▸ Filipe Jorge Gamboa Martins Nave\*\*

▸ Filomena Adelaide Pereira Sabino de Matos\*\*\*

---

## Resumo

O presente estudo tem como objectivos construir e validar uma escala que possibilite avaliar as situações de *bullying* nas praxes do Ensino Superior. A escala proposta é composta por 15 itens. A amostra a que recorremos, para validar a escala é constituída por 210 estudantes do Ensino Superior. Dos resultados, podemos referir que a escala proposta apresenta características psicométricas válidas e sensíveis.

**Palavras-chave:** Praxe. Ensino Superior. *Bullying*. Validação.

## Construction and Validation of the Scale for Assessment of Bullying in Praxes Situations in Higher Education

### Abstract

This study has as objectives to design and validate a scale witch allow to evaluate bullying situations on the college traditions to receive new students in University. The proposed scale is composed by 15 items. The sample we used to validate the scale consists of 210 University students. From the results, we find valid and accurate psychometric characteristics.

**Keywords:** College traditions. University. Bullying. Validation.

---

\* Catedrático da Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Faro, Portugal. *E-mail:* snjesus@ualg.pt.

\*\* Professor Adjunto da Escola Superior de Saúde, Universidade do Algarve, Faro, Portugal. *E-mail:* fnave@ualg.pt.

\*\*\*Professora Adjunta da Escola Superior de Saúde, Universidade do Algarve. Faro, Portugal. *E-mail:* fmatos@ualg.pt.

## Construcción y Aprobación de la Escala para Evaluación de las Situaciones de *Bullying* en la Praxis de la Educación Superior

Este estudio tiene como objetivo construir y validar una escala que posibilite evaluar las situaciones de *bullying*-intimidación- en las prácticas académicas de la Educación Superior. La escala propuesta está compuesta por 15 ítems. El muestreo al cual recurrimos para validar la escala está constituido por 210 estudiantes de la Educación Superior. De los resultados podemos concluir que la escala propuesta define características psicométricas válidas y sensibles.

**Palabras-clave:** Praxis. Educación Superior. *Bullying*. Validación.

### Introdução

O *bullying* (situação de violência interpares), tem sido alvo de grandes preocupações, não só pelo clima de insegurança e mal-estar que faz pressupor, mas também pelas hipotéticas situações de inadaptação e insucesso escolar e ainda pelos custos para a saúde, quer imediatos, quer tardios. As situações de *bullying* podem ter consequências de tal modo graves que a OMS se empenha desde 2004 em perceber e actuar sobre este fenómeno (BLAYA, 2008; MATOS et al., 2009).

A violência juvenil é, sem dúvida resultado de factores multidimensionais, a que não são alheios os factores pessoais de vulnerabilidade e de risco, sendo este tipo de violência reconhecido como um sério problema em todo o mundo, tanto mais que põe em risco o futuro de cada nação.

Existem vários tipos de agressões (violência física, violência psicológica, entre outros), que podem acontecer em qualquer meio do ambiente ecológico-contextual do jovem e um desses locais é a escola. Se considerarmos a agressividade verbal (uma das formas mais comuns de agressividade utilizadas nas praxes), como um dos tipos de violência em contexto escolar (MATOS et al., 2009), podemos conjecturar que ser praxado, sendo ofendido, difamado ou vexado, possa constituir uma provação para o jovem.

Um dos acontecimentos mais importantes e mais esperados no início de cada ano lectivo no Ensino Superior, é a recepção aos novatos – os caloiros.

Tradicionalmente, esta recepção é feita através da Comissão de Praxes, que determina como será feito este ritual de iniciação e que actividades poderão ser

realizadas. Os caloiros têm os seus padrinhos, estudantes do 3º ano, que são responsáveis pelas praxes. Estas, várias vezes se constituem de insultos e de atitudes de que os caloiros jamais se lembrariam em situações do dia-a-dia. Por seu lado, os padrinhos comparam muitas vezes as praxes que fazem com as que foram submetidos e dizem já ter passado pelo mesmo e que chegou a vez deles de praxar, tirando desta forma partido da aparente posição de superioridade na vontade de humilhar os mais novos.

Sabemos que todos os anos existem queixas apresentadas no Ministério Público por caloiros que sofreram situações de violência, física ou psicológica, durante as praxes. Se as praxes são muito violentas ou se existe um sentimento antipraxa instaurado, é uma situação que preocupa quem dirige os estabelecimentos de Ensino Superior.

As situações de violência podem ser resolvidas se a pessoa possui uma personalidade resiliente. A personalidade resiliente poderá ser uma característica diferencial, constituindo um mecanismo de *self-righting*, que lhe permitirá ao sujeito sair ileso desse período conturbado, podendo até sair reforçado dele. A resiliência é, pois, uma característica que permite ao indivíduo enfrentar as adversidades, superando-as e ser modificado por elas, tirando daí uma maior resistência a conjunturas negativas posteriores e permitindo adaptações subsequentes mais adequadas, ao conseguir melhores estratégias de coping, melhorando de forma indelével a sua qualidade de vida e o seu bem-estar (WERNER; SMITH, 1982; GROTBORG, 1995; JESUS, 1998, 1999; RALHA-SIMÕES, 2001; MATOS, 2002).

Durante mais de quatro anos, tentámos compreender as vivências das praxes no Departamento de Enfermagem da Escola Superior de Saúde da Universidade do Algarve, em Portugal. Monitorizámos os sentimentos e vivências sentidos durante as praxes, quer pelos praxadores (os padrinhos, estudantes do 3º ano), quer pelos praxados (os novos alunos da Escola). Obviamente que surgiram ao longo destes anos, reacções muito positivas e muito negativas a este respeito, consoante a praxe, o praxador e o praxado.

O resultado do tratamento de dados dessa monitorização deu origem a um documento para autopreenchimento dos estudantes com a sua opinião acerca das praxes.

## Metodologia

A amostra que permitiu validar a escala é constituída por 210 estudantes de ambos os sexos, do 1º ano (praxados) e do 3º ano (padrinhos/ praxadores) de vários cursos da Universidade do Algarve, nomeadamente dos Cursos de Enfermagem, Farmácia, Nutrição e Dietética, Ortoprotesia e Radiologia da Escola Superior de Saúde e ainda dos Cursos de Desporto e Educação Básica da Escola Superior de Educação e Comunicação, que responderam a um questionário anónimo, sendo a percentagem de retorno de 98%.

## Material

Tratando-se um estudo metodológico, o objectivo é a construção de uma escala que nos permita avaliar a relação dos estudantes com as praxes.

A versão final da Escala para Avaliação de Situações de *Bullying* nas Praxes do Ensino Superior (EPES), é constituída por 15 itens, para auto-preenchimento, numa Escala de Likert, de cinco níveis de resposta em que 1 corresponde a “discordo totalmente”, 2 “discordo”, 3 “não concordo nem discordo”, 4 “concordo” e 5 “concordo totalmente”. Os itens 8, 11, 12, 14 e 15, são de leitura invertida.

A escala é constituída por três dimensões, permitindo uma análise parcial e total da relação que o sujeito tem com as praxes.

Para a construção dos itens recorreu-se aos dados relativos à monitorização das respostas dos estudantes do Curso de Licenciatura em Enfermagem no que respeita às praxes, entre 2003 e 2008, tendo sido monitorizadas as opiniões de estudantes dos quatro anos do Curso.

## Procedimento

A EPES foi construída com o objectivo de medir a relação dos estudantes com as praxes, assumindo que elas podem estar relacionadas, por um lado, com a noção de *bullying* no que concerne à violência e, por outro, com o conceito de resiliência, como medida protectora.

Para garantir a validade de conteúdo, recorreremos à análise de conteúdo dos dados recolhidos junto dos estudantes, retendo as unidades significantes, que transformámos em itens, tendo sido posteriormente inspeccionados e seleccionados por três juízes na área da Psicologia.

Tendo cumprido estes requisitos metodológicos, os itens, foram apresentados aos participantes no estudo.

Para a análise das características psicométricas do instrumento, e avaliando a sua validade teórica, recorreremos numa primeira fase à análise factorial sob o método de componentes principais (ACP), com recurso à rotação ortogonal, pelo método de Varimax verificando, empiricamente, de que forma os itens se agregam em redor dos factores que compõem a escala. Procedemos de seguida à verificação da validade convergente e da validade discriminante (NAVE, 2009; HILL; HILL, 2003; MAROCO, 2003; PESTANA; GAGEIRO, 2000).

Relativamente ao estudo da fidelidade do instrumento, procedemos à análise da consistência interna, através do coeficiente do Alpha de Cronbach.

Como forma de avaliar a validade concorrente, incluímos duas escalas que teoricamente medem conceitos afins (escala de *bullying* e escala de resiliência), considerando a escala de *bullying* como inversamente concordante e a de resiliência como directamente concordante.

A este estudo de 210 estudantes, que validou a escala, associámos posteriormente mais 35 estudantes, mantendo as características da amostra.

## Resultados

Pela análise descritiva apresentada no Quadro 1, podemos verificar que a média da escala total é maior no género masculino (64,7556) do que no género feminino (60,8160), bem como nas suas três dimensões. Constatamos ainda que o género masculino obtém o menor desvio padrão (7,61922), quando comparado com o género feminino (9,74821).

Quadro 1: Análise descritiva da EPES por género

		Feminino	Masculino
DIMPOS	Média	22,0859	24,8444
	Desvio padrão	5,02880	4,101034
DIMNEG	Média	24,9632	26,0889
	Desvio padrão	4,87484	4,01034
DIMSOC	Média	13,7669	13,8222
	Desvio padrão	1,38140	1,64163
TOTAL	Média	60,8160	64,7556
	Desvio padrão	9,74821	7,61922

No Quadro 2, podemos verificar da análise das correlações item - total que todos os valores são superiores a 0.35, tendo obtido no geral, correlações moderadamente fortes.

A consistência interna avaliada através do índice de Alpha de Cronbach, apresenta um valor de 0,908, o que nos permite avançar com a análise.

A reforçar a fiabilidade da escala, podemos comentar o facto de que apenas o item 1 apresenta valor ligeiramente superior. No entanto e dada a sua importância teórica, foi decidido mantê-lo em análise.

Quadro 2: Análise da correlação item-total e valores de  $\alpha$ -Cronbach

Item	Correlação item total	Valor de $\alpha$ -Cronbach quando o item é retirado
1	,374	,911
2	,443	,908
3	,811	,896
4	,284	,912
5	,759	,898
6	,639	,903
7	,802	,896
8	,707	,902
9	,627	,895
10	,567	,906
11	,656	,903
12	,698	,902
13	,711	,900
14	,724	,900
15	,759	,898

No Quadro 3, podemos verificar a estrutura factorial resultante da ACP pelo método de Varimax. Optámos por suprimir as saturações inferiores a 0,40, para facilitar a leitura.

No que respeita à análise factorial, podemos verificar que todos os itens têm uma boa saturação em redor do factor a que pertencem, comprovando a validade convergente. De igual forma, se atesta a validade discriminante, uma vez que não registamos nenhuma outra saturação quando retirados os valores inferiores a 0,40. A excepção acontece com o item 13 que satura no factor 1 e no factor 2, mas como a importância teórica do item se revela grande, optámos por admiti-lo, como pertencente ao factor 2, por duas razões: uma por apresentar uma saturação mais alta neste factor, outra pela coerência teórica (NAVE, 2009; HILL;HILL, 2003; MAROCO, 2003; PESTANA; GAGEIRO, 2000).

Esta estrutura factorial com três factores, tem uma variância explicada de 63,19%, um KMO de 0,905

O primeiro factor, denominado “*relação positiva com as praxes*” (seis itens), apresenta uma variância explicada de 27,64%, um valor próprio de 6,751, assumindo-se como o factor principal desta escala, como pode ser verificado no gráfico I (gráfico de sedimentação factorial).

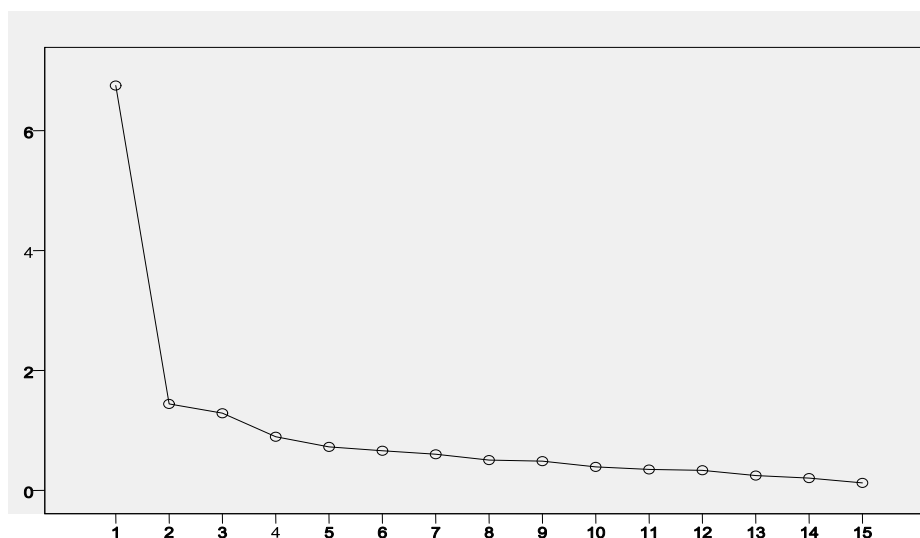
O segundo factor, denominado “*relação negativa com as praxes*” (seis itens), apresenta uma variância explicada de 23,89%, um valor próprio de 1,441;

O terceiro factor, denominado “*dimensão social*” (três itens), apresenta uma variância explicada de 11,651%, um valor próprio de 1,286.

Quadro 3: Carga factorial dos itens, variância de cada factor e consistência interna

ITENS	Factor 1	Factor 2	Factor 3	EPES
	RELPOS	RELNEG	DIMSOC	TOTAL
Há regras para quem faz as praxes			,720	
Consigo falar sobre as praxes sempre que acho necessário			,715	
Fico satisfeito(a) quando sou praxado(a)	,818			
Posso contar com a minha família quando preciso			,614	
Acredito que as praxes contribuem para a minha integração na Universidade	,693			
Os que me praxaram gostaram de mim	,692			
Gosto de ser praxado (a)	,894			
Estou deseioso(a) que acabem as praxes	,736			
Gosto de participar nas praxes	,749			
Respeitaram a minha vontade de ser ou não praxado(a)		,643		
As praxes continham alguma violência		,750		
Fui agredido(a) por actos ou palavras		,711		
Consegui lidar bem com as praxes	,408	,620		
Fiquei revoltado(a)		,733		
Fui prejudicado(a) na minha auto-estima		,775		
KMO				0,905
Valor próprio	6,751	1,441	1,286	-
Variância explicada	27,643 %	23,898%	11,651%	63,192 %
Consistência interna (alfa de Cronbach)				0,908

Gráfico 1  
Gráfico de sedimentação factorial



O Quadro 4 mostra os coeficientes de correlação entre as sub-escalas e a escala total que compõem a EPES. Podemos verificar que a sub-escala que melhor se relaciona com ao total (EPES), é a que se refere à relação positiva com as praxes ( $r=0,912$ ), reforçando a ideia da sub-escala mais importante da EPES, uma vez que esta sub-escala é a que apresenta concomitantemente valor próprio e variância explicada mais elevados.

Quadro 4: Coeficientes de correlação entre notas das sub-escalas e escala total

Escala e sub-escalas da EPES	RELPOS	RELNEG	DIMSOC
Escala total	0,912**	0,892**	0,497**
Relação positiva com as praxes		0,662**	0,370**
Relação negativa com as praxes			0,300**

**Valores de referência**

Estabelecemos valores de referência, para podermos conferir significado aos valores resultantes da EPES, através da análise da estatística descritiva, designando coortes através da média obtida, com base nos dados recolhidos, uma vez que os instrumentos de medição social têm tendência a enviesar à esquerda (NAVE, 2009). Assim, o primeiro coorte apresenta a pontuação de 62. O segundo ponto de coorte foi estabelecido através dos valores encontrados pelo percentil 20 e pelo percentil 80, pressupondo que os valores acima da média são valores positivos e valores acima do



percentil 80 são valores muito positivos e abaixo do percentil 20, estão valores claramente negativos.

Encontrámos assim, 4 classes, como podemos verificar no Quadro 5. Da análise dos dados, podemos verificar que embora 60.1% dos estudantes apresentem uma relação positiva com as praxes, 39.9%, manifestam de alguma forma uma relação negativa com as praxes. Salientamos que, por um lado, 18.8 % dos estudantes afirmam uma má relação com as praxes, enquanto 21.2% dos estudantes realçam uma relação positiva.

Quadro 5: Valores de referência

Intervalo	Classe	%
[15 - 55[	Má relação com as praxes	18.8
[55 - 62[	Relação crispada com as praxes	21.2
[62 - 70[	Relação de tolerância com as praxes	38.9
[70 - 75]	Boa relação com as praxes	21.2

### Validade concorrente

Foi investigada a validade concorrente com o *bullying* e a resiliência, partindo do pressuposto teórico que a praxe poderia ser entendida como uma forma de *bullying*, actuando negativamente no sujeito. Por outro, acreditamos que a personalidades mais resilientes corresponderiam uma melhor relação com a praxe.

Este pressuposto teórico, é corroborado pelos dados empíricos, que apresentamos no quadro VI, onde podemos verificar que a EPES (bem como as suas sub-escalas) se relaciona negativamente com o *bullying* e positivamente com a resiliência.

Desta evidência estatística, podemos concluir que um bom relacionamento com as praxes pressupõe uma atitude resiliente do sujeito, que lhe permite reagir favoravelmente às situações que poderão ser de *bullying*.

Quadro 6: Relação entre a EPES, a resiliência e o bullying

		EPES	dimrelpositiva	dimrelnegativa	dimnsocial	Bullying	Resiliência
EPES	R						
	P						
dimrelpositiva	R	,912					
	P	,000					
dimrelnegativa	R	,892	,662				
	P	,000	,000				
dimnsocial	R	,497	,370	,300			
	P	,000	,000	,000			
Bullying	r	-,162	-,161	-,148	-,019		
	p	,020	,020	,033	,785		
Resiliência	r	,153	,148	,088	,205	,290	
	p	,028	,033	,207	,003	,000	

\*\* . Correlação é significativa no nível 0.01 (2-tailed).

\*. Correlação é significativa no nível 0.05 (2-tailed).

Como anteriormente referimos, aplicámos a escala a mais 35 estudantes, mantendo as características da amostra. Comparamos, no Quadro 7, os resultados descritivos da amostra dos 210 estudantes, que permitiu validar a escala, com os novos 35 estudantes.

Os resultados obtidos permitem-nos afirmar que os rapazes mantêm uma melhor relação com as praxes em qualquer das amostras, aumentando ligeiramente os valores obtidos na segunda amostra, mantendo no entanto, características semelhantes que evidenciam a estabilidade da escala.

Quadro 7: Comparação entre amostras dos resultados descritivos por género

		N=210		N=35	
		Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
DIMPOS	Média	22,0859	24,8444	23,7333	27,200
	Desvio padrão	5,02880	4,101034	4,41731	1,64317
DIMNEG	Média	24,9632	26,0889	24,5333	25,200
	Desvio padrão	4,87484	4,01034	4,36074	2,58844
DIMSOC	Média	13,7669	13,8222	13,000	13,600
	Desvio padrão	1,38140	1,64163	1,29055	,89443
TOTAL	Média	60,8160	64,7556	61,5667	66,0000
	Desvio padrão	9,74821	7,61922	8,88891	3,80789

## Conclusão

O estudo permite verificar que a EPES constitui um instrumento válido para avaliação da relação com as praxes no Ensino Superior.

As suas características psicométricas apresentam-se válidas, sensíveis e estáveis.

Pelas características atrás descritas podemos afirmar que esta escala pode ser utilizada para medir as relações com as praxes em diversos contextos académicos.

Consideramos contudo, ser necessário desenvolver novos estudos neste domínio, que permitam comparar realidades, identificar indicadores de violência e delinear estratégias preventivas adequadas.

## Referências

BLAYA, C. *Violência e maus tratos em meio escolar*. Lisboa: Instituto Piaget, 2009.

GROTBORG, E. *A guide to promoting resilience in children: strengthening the human spirit*. The Hague: Bernard van Leer Foundation, 1995.

HILL, M.; HILL, A. *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo, 2003.

JESUS, S. *Bem-estar dos professores: estratégias para a realização e desenvolvimento profissional*. Porto: Porto, 1998.

JESUS, S. *Como prevenir e resolver o stress dos professores e a indisciplina dos alunos?*. Porto: ASA Editores, 1999.

MAROCO, J. *Análise estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo, 2003.

MATOS, F. *Maturidade e resiliência: uma perspectiva acerca de sobredotação*. 2002. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Algarve, Faro, PT, 2002.

MATOS, M. et al. *Violência, bullying e delinquência: gestão de problemas de saúde em meio escolar*. Lisboa: Coisas de Ler, 2009.

NAVE, F. *Manual de introdução à investigação utilizando o SPSS*. Faro: Universidade do Algarve, Departamento de Enfermagem da Escola Superior de Saúde, 2009.

PESTANA, M.; GAGEIRO, J. *Análise de dados para Ciências Sociais: a complementaridade do SPSS*. 2. ed. Lisboa: Edições Sílabo, 2000.

RALHA-SIMÕES, H. Resiliência e desenvolvimento pessoal. In: TAVARES, J. (Org.). *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

WERNER, E; SMITH, R. *Vulnerable but invincible: a study of resilient children*. New York: McGraw Hill, 1982.

Recebido em: 29/03/2010

Aceito para publicação em: 06/05/2010